

BOLETIM Informativo

Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

ANO IV

OUTUBRO / DEZEMBRO 1998

Nº 14

Editor: JOSÉ HYGINO OLIVEIRA

Jornalista Responsável: MARIEN CALIXTE

Apresentação

OS CICLISTAS E A LEI

Miguel Depes Tallon

Ana Maria Mattos Mariani é bibliotecônoma e responde pelas bibliotecas do Curso de Mestrado de Letras-Literatura Brasileira da Universidade Federal do Espírito Santo e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Além disso, é a responsável pela elaboração das fichas catalográficas das publicações do Instituto.

Na noite de quinta-feira, dia 1º de outubro, Ana Maria, ou Aninha, como é mais conhecida, saía da Gráfica Túlio Samorini, aonde fora revisar umas fichas. Para atravessar a rua, olhou corretamente para o único lado de onde poderia vir algum carro e tentou atravessar. Digo tentou, porque não conseguiu. Foi colhida por um ciclista delinquente, que vinha em sentido contrário, isto é, na contramão. Aninha foi atirada ao solo e teve traumatismo craniano, só escapando por milagre. O ciclista, naturalmente, escafedeu-se.

O episódio contém uma lição notável: a de que os ciclistas se recusam terminantemente a admitir que suas bicicletas são veículos, estando, por via de consequência, sujeitas às leis de trânsito. A propósito, ainda não vi uma bicicleta equipada de acordo com o novo Código de Trânsito. Afinal, o DETRAN vai ou não fazer cumprir a lei? Ou vai permitir, que neste País grande e bobo, como bem lembra Eduardo Almeida Reis, a exigência se converta em letra morta, como tantas outras leis bem intencionadas? (Há uma lei municipal, de autoria de Namy Chequer obrigando os estabelecimentos bancários a terem sanitários para os clientes. Que banco cumpriu a lei?).

É por demais sabido. É visível que nesta ilha deliciosa os ciclistas não estão nem aí para as leis de trânsito. Só andam na contramão, não respeitam sinal e não equipam suas bicicletas com retrovisores, faróis, campainha e tudo o que a lei impõe.

Sobre a contramão, João Bonino pondera, que para o ciclista é mais seguro andar desse jeito. Pode até ser, penso eu, mas, com certeza, não é para o pedestre. Aninha que o diga. Depois, se as bicicletas estivessem equipadas, esses celerados não precisariam de andar na contramão.

Somente quando o DETRAN resolver levar a sério a letra da lei, os pedestres desta ilha poderão andar tranquilos, sem ameaça de atropelamento por algum ciclista irresponsável.

Noticiário

Secretaria Municipal de Cultura lança novas coleções

De parabéns a atual Administração Municipal, pelo lançamento pela Secretaria Municipal de Cultura de novas coleções: A **Roberto Almada** e a **Elmo Elton**. Na **Roberto Almada** veio a público o volume nº 1, **De folhas versadas - Roberto Almada: vida e obra**, de Deny Gomes. Na **Elmo Elton**, foi publicado o 1º título: **Bairro Santo Antônio**, cujo texto é de autoria de Adriana Bravin.. Também a Secretaria Municipal de ESportes vem dando continuidade à sua série dedicada aos esportes de Vitória, lançando em setembro o seu nº 5, sobre **Remo Capixaba**, com texto de Álvaro José Silva. No dia 25 de novembro, no IHGES, a Secretaria de Cultura lançou mais dois volumes das suas coleções: **Os dias antigos**, de Renato Pacheco e o volume dedicado a Luís Fernando Tatagiba.

Academia de Letras tem nova Diretoria

A Academia Espírito-Santense de Letras elegeu em sua sessão de setembro, a nova diretoria, que ficou assim constituída:

Presidente: Francisco Aurelio Ribeiro - 1º **Vice-Presidente: Maria Helena Teixeira de Siqueira** - 2º **Vice-Presidente: Aylton Rocha Bermudes** - **Secretário: Marien Calixte** - **Tesoureira: Ester Abreu Vieira de Oliveira**.

A posse será em dezembro. A nova diretoria da AEL os votos de profícua gestão deste Instituto.

Instituto promove Encontro de Haicaiístas

Por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, foi realizado, em suas dependências, no dia 07 de outubro, o I Encontro Estadual de Haicins (cultores de haicais). Cada participante leu o seu haicai, depois do poeta Carlos Nejar, que fará a apresentação do volume a ser editado na Coleção Almeida Cousin, sob o título de **Estação Primavera**. Os vencedores do evento foram Berredo de Menezes, Humberto Del Maestro, Maria do Carmo Schneider, Érico Freitas Machado, Matusalém Dias de Moura e Marilena Soneghet Bergmann, os dois últimos empatados com 16 pontos, no 5º lugar. O haicai de Antônio Monteiro ficaria em 6º lugar, caso houvesse tal classificação, por ter obtido 15 pontos.

Mais palestras no Instituto

Dando seguimento a seu permanente ciclo de palestras, o Instituto abriu seu auditório para as palestras dos consócios Christiano Dias Lopes Filho sobre o centenário de Cícero Moraes, Berredo de Menezes sobre Cuba, Aylton Rocha Bermudes sobre Cruz e Sousa, João Gualberto Vasconcelos sobre as eleições de 1998 e Virgílio López Lemus e Alberto Acosta-Pérez sobre literatura cubana.

Lançamento de livro no Departamento de Direito

Foi lançado no Departamento de Direito da UFES, por iniciativa do seu chefe, o consócio Henrique Geaquinto Herkenhoff, o livro **Comentários à Lei de Medida Cautelar Fiscal**, de autoria do também professor daquele Departamento, Francisco Vieira Lima Neto.

Obras disponíveis para os associados do IHGES

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo possui, em seu acervo, disponíveis para seus associados, as seguintes obras: **História Panorâmica da Literatura**, de Almeida Cousin (volumes 3,4,5,6 e 7); **Revista do IHGES** (nºs 20,21,43,45,47 e 49); **Pequeno Cancioneiro Cachoeirense de Trovas Populares**, de Miguel Depes Tallon; **Saúde Pública no Espírito Santo - da Colônia aos dias atuais**, de Sebastião Cabral; **No Limiar da Imortalidade**, de Ester Abreu de Oliveira e Maria Helena Teixeira de Siqueira; **Adversidades Climáticas em Vitória**, de Ricardo Brunow Costa; **A propósito do Mestre Álvaro**, de Ricardo Brunow Costa; **Anais da I Jornadas de Navegações; Dilemas e Símbolos - Estudos sobre a cultura política do Espírito Santo**, de Geert Bank. As obras disponíveis podem ser solicitadas à Srª Tânia Rasseli Zanotti na sede do Instituto, ou, pelo correio, no endereço: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Av. da República, 374 - Parque Moscoso, Vitória-ES - CEP 290020-620.

Consócios lançam livros

Os consócios Evandro Moreira e Ariete Moulin, de Cachoeiro de Itapemirim, lançaram, respectivamente, **Ao Pé da Memória** (Crônicas) e **Era uma vez...** (Poesias).

Renato Pacheco doa livros

O escritor e Presidente de Honra do IHGES, Renato Pacheco está doando exemplares da 4ª edição de **A Oferta e o Altar** a bibliotecas públicas e escolares e a leitores eventuais. Os interessados devem procurar a Srª Tânia Rasseli Zanotti, às quartas-feiras, a partir das 14:00 horas, na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, à avenida da Pública, 374, no Parque Moscoso.

Nobel para Saramago

Finalmente a Real Academia Sueca parece ter descoberto o português, não se falasse no mundo muito mais o português que o sueco. O premiado é o escritor lusitano José Saramago, autor de uma obra internacionalmente respeitada, não obstante os protestos da Igreja. Aliás, se a Igreja permanecesse calada provocaria menos danos, inclusive para ela própria.

Encontro Nacional de Institutos Históricos

Sob os auspícios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, a partir do dia 29 de outubro, o I Encontro Nacional de Institutos Históricos e Geográficos. No evento, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo se fez representar pela consócia 1ª Vice-Presidente Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e pelo consócio Frederico Teixeira Filho.

PROLER realiza Encontros

Sob a coordenação de Lúcia Helena Maroto o PROLER realizou três encontros no Estado, durante o mês de setembro: em São Gabriel da Palha, nos dias 02, 03 e 04; em Santa Leopoldina, nos dias 16, 17 e 18; em Vitória, nos dias 23, 24 e 25.

Consócios premiados

Inúmeros consócios foram premiados no Concurso de Literatura, Ensaio e Reportagem do Estado do Espírito Santo, em sua versão para 1998. Em contos, o primeiro lugar ficou com Berredo de Menezes, que dividiu o primeiro lugar em poesia com Evandro Moreira. Em literatura infantil o prêmio foi para Maria Helena Hess Alves. Em crônicas, para Josafat Joaquim Costa. Em pesquisa histórica para Hiléia Araújo.

Em romance, o premiado foi Pedro Nunes que, conquanto não seja membro do Instituto, é seu colaborador.

Em circulação a Revista nº 51

A Revista nº 51, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo circulou no mês de dezembro, dedicada aos saudosos José Garajau da Silva, Christiano Woelffel Fraga, Mário Bonzano e Jayme Santos Neves.

O retorno de Monteiro

Retornou de Portugal, onde se encontrava há meses, em companhia de sua esposa Gracinda, o poeta e consócio Antônio Monteiro, saudoso da sua bucólica Pedra Azul do Aracê.

Instituto Homenageia Renato Pacheco

O escritor e Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Renato Pacaheco, foi homenageado pelo IHGES por seus 70 anos de vida. Na ocasião, foram lançados vários livros, entre os quais o romance **O centauro enlouquecido e o pintor anônimo**, **26 Poemas da Montanha e Porto Final**, de Renato Pacheco; a 2ª edição, agora integral, de **As Chamas na Missa**, de Luiz Guilherme Santos Neves; **O necrologista e outros escritos**, de João Bonino Moreira; **17 Poemas da Infância**, de Matusalém Dias de Moura e **A floresta azul**, de Roberto Almada.

Instituto em Alegre

Sob a coordenação do desembargador e consócio Sebastião Sobreira foi fundado no Alegre, o Instituto Histórico e Geográfico de Alegre. Aos consócios, os votos de sucesso deste Boletim.

Teatro em versos

Todo o teatro em versos, do poeta Carlos Nejar, foi publicado pela FUNARTE. O volume compreende **Miguel Pampa**, **Fausto**, **As parcas**, **Joana das Vozes**, **Ulisses**, **Fogo Brando**, **O par das coisas e Livro do Juízo Final**.

Mais lançamento

O consócio Francisco Aurelio Ribeiro lançou no dia 15 de Outubro, pela Grafer, em co-edição com IHGES, o livro **Antologia de Escritoras Capixabas**.

RESGATANDO UM VELHO SONHO

Zoel Correia da Fonseca

Sob os auspícios do Ministério da Cultura, estiveram reunidos, no Palácio Anchieta, em 20 de julho de 1998, representantes do **Projeto Resgate de Documentação Histórica** e nossas autoridades governamentais, para entrega solene do material histórico pertencente à Capitania do Espírito Santo.

Antecipando-se aos demais Estados em sua conclusão, nosso acervo históricos propiciou aos responsáveis pelo **Projeto Resgate**, a oportunidade para que comemorassem, solene e festivamente, sua primeira manifestação objetiva, através da cerimônia de entrega de nossa documentação histórica ao Governo Espírito-santense.

Congratularam-se visitantes e visitados; aqueles, nas pessoas do Embaixador Wladimir Murinho - Coordenador Geral do Projeto Resgate; Esther Caldas Bertoletti - Coordenadora técnica e João Eurípedes Franklin Leal - Coordenador Acadêmico do Projeto.

O Espírito Santo fez-se representar pelo Governador Vitor Buaiuz e pelo Secretário da Cultura, Maciel Aguiar, que também usaram da palavra, em agradecimento pela honrosa visita.

Durante a solenidade de entrega, João Eurípedes Franklin Leal historiou os diversos trâmites e percalços por que passaram os pesquisadores, para a consecução da espinhosa tarefa: depois de obtida a autorização da **Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental**, nossos pesquisadores deslocaram-se para o Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, no início de 1997.

Naquele Arquivo, tiveram de enfrentar seu primeiro desafio, sob forma de monumental acervo contendo mais de duzentos e cinquenta mil documentos, amontoados em completa desordem e sem sequência de datas.

Durante todo o ano de 1997 viram-se às voltas com um tipo de trabalho, a que caberia melhor a designação de "garimpagem documental", pela necessidade de revirar,

pelo avesso, quase todo o passado histórico do Brasil-Colônia.

Separado o material de interesse para a pesquisa, foi a vez dos especialistas em escrita antiga - os paleógrafos, atirarem-se com determinação, à tarefa de traduzir, e às vezes quase decifrar os milhares de manuscritos redigidos em linguagem arcaica, vasada em intrincado português quinhentista, seiscentista...

Atingiu-se, então, a fase final da pesquisa, com a catalogação dos manuscritos já ordenados.

O material entregue aos governantes capixabas, consta de microfilmagens dos inúmeros manuscritos, de um CD-Rom contendo todas as informações históricas pretendidas, e também de um **Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo**, contendo cento e cinquenta páginas.

Organizado pelo historiador e paleógrafo capixaba João Eurípedes Franklin Leal, esse Catálogo enumera, por ordem cronológica, quinhentas e quarenta e nove peças documentais pertencentes à Capitania do Espírito Santo, equivalentes a cento mil páginas manuscritas.

Trezentos e sessenta e cinco desses documentos são anteriores ao ano de 1770 - data do mais antigo documento existente em nosso Arquivo Estadual. Todos esses documentos catalogados correspondem ao período histórico compreendido entre 1585 e 1822 e preenchem uma lacuna de cento e oitenta e cinco anos da historiografia do Espírito Santo.

Muito se conseguiu com esse resgate histórico, embora ainda restem por devassar, aqueles cinquenta anos iniciais, cercados por lendas e mistérios envolvendo os primeiros tempos do donatário Vasco Fernandes Coutinho, com suas muitas contendas e poucos esplendores. Também Belchior de Azeredo, Araribóia, Anchieta, os irmãos Marcos e Miguel Azeredo e até mesmo Vasco Coutinho Filho e Da. Luiza Grimaldi situam-se por detrás dessa misteriosa cortina.

Mesmo assim, em se tratando de material inédito e, portanto, não constante das publicações sobre história, é de se esperar revelem outras facetas ainda desconhecidas de nosso passado colonial.

O **Catálogo e Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo** inclui vasta documentação de caráter administrativo, sócio-econômico, educacional e cultural, que por certo interessará não só a pesquisadores e historiadores, como também a sociólogos, antropólogos, educadores... e ao povo, em geral.

O **Projeto Resgate de Documentação Histórica** do Ministério da Cultura foi orçado em três milhões de reais, e contou com as parcerias feitas com os diversos Estados da União. No que concerne ao Espírito Santo, houve-se a generosidade de nossa Secretaria de Estado da Cultura e Esporte, na pessoa de Maciel Aguiar, patrocinando metade dos custos referentes à nossa parte no Projeto.

Deve-se esclarecer que o Ministério da Cultura incentivou o **Projeto Resgate de Documentação Histórica**, com a finalidade precípua de abrilhantar os festejos comemorativos pelo transcurso dos 500 Anos de Descobrimto do Brasil.

Registre-se, também, uma omissão histórica na solenidade laudatória do dia 20 de julho, no Palácio Anchieta: ficou faltando a homenagem devida à memória do Imperador Pedro II, pois a ele pertencem a idéia e as primeiras tentativas de resgate de nosso passado colonial. Chegou mesmo Sua Magestade Imperial a enviar historiadores à Europa, com essa finalidade. Mas a tarefa era ingente e superior aos recursos da época, inviabilizando o antigo sonho do Imperador.

Porém, das sementes espargidas, algumas frutificaram nos dias presentes, para o justo relevo de nosso passado histórico e para manterem viva a chama de nosso acendrado idealismo de ontem... e de sempre!

Fantasma da Infância

Carmem Schinneider Guimarães

Editado pela Grafer / IHGES, 1998, **Fantasma da Infância**, de Francisco Aurélio Ribeiro, reúne crônicas muito bem estruturadas, com sabor de reminiscências dos tempos saudosos da "aurora da minha vida."

Não são apenas tipos populares, os que povoam a memória e ainda a imaginação de Francisco Aurélio. Nas textos, encontramos um menino às voltas com figuras mestras da vida familiar ou suplementares de suas relações, na pacata comunidade, onde o Autor viveu os primeiros anos de sua existência, em Ibitirama, Santa Bárbara do Caparaó.

Fantasma da Infância não retrata especificamente de seres extranormais, mas de fantasmas de carne e osso, assim como nós. A maioria das personagens, que nos oferece a habilidade da pena de Francisco Aurélio - bastante caalejada, no exercício e na nobreza do esporte literário (artístico) - surgiu no corre-corre diário de um molecote inteligente e perspicaz. Comprovam-no a mestria com que descreve e retrata cada uma delas, no desfiar de suas recordações. Nunca estamos bem certos da fidelidade dos fatos mais remotos, armazenados em nossa retentiva. O Autor, entretanto, firma-se suficientemente seguro, até mesmo no que diz respeito a seus sentimentos e emoções. Configura a primeira professora, **Dona Penha**, com detalhes de didática, chegando, in-

clusive, a tecer critérios de julgamento a respeito de outras personalidades. **Abo-brinha**, o primeiro "menor abandonado" que conheceu; a elegância de **Madrinha Carmelita**; o trabalho persistente, os quitutes e a coragem de **Mãe Nem**, sua avó, que era também Madrinha Nem, cujo enterro foi "uma festa, uma grande homenagem a uma mulher forte, corajosa, pioneira na colonização"; os magníficos momentos vividos com **Meu pai**; e **Minha Mãe**, "que até hoje é para mim, um menina de franjinha, segurando uma boneca, com ar assustado para o fotógrafo".

Os dois fantasmas reais que marcam os depoimentos do Autor, na verdade, residem na forte descrição de **Donana**, "figuração de todas as figuras bruxas e madrastas" (...), "Donana deve estar no inferno, ou vagando como alma penada". Também a imagem de um **Padre Miguel** parece atormentar suas lembranças até hoje. A ele, assim se refere o Autor: "Padre Miguel foi a figura mais terrível que conheci na vida. Tinha o perfil de um inquisidor medieval". E mais: "Suas aulas e sermões eram baseados no terror, no medo, no ódio, nas agressões pessoais".

Acreditamos que as considerações que Francisco Aurélio expressa em seu livro, a respeito desses "fantasmas", são fruto de uma observação que sua mente infantil apurou inteligentemente, em comum com toda espécie de cultura adqui-

rida na vivência contemporânea. A criança possui o dom da palavra verdadeira.

Por "uma necessidade catártica, compulsiva de escrever", como bem o diz o autor, lucrarmos com um trabalho que resulta no deleite de uma agradável leitura.

Alguns dos espectros dessas "crônicas fantasmáticas" de Francisco Aurélio situam-se muito perto de outros tantos que quase todos carregamos, desde a infância. Os "duendes" de nossa meninice, por vezes, perseguem-nos, ora para refrigerar-nos a memória, ora para atenuar-nos em nossos devaneios.

Francisco Aurélio Ribeiro marca emocionalmente suas reservas memorialísticas, com o vigor de uma ajustada maneira de entender e analisar a figura do mais próximo, seja ele quem for, com os rigores de sua própria razão.

Francisco Aurélio Ribeiro é Professor no Mestrado em Letras, na UFES; cursou letras e Direito, especializado em Língua Portuguesa na PU-G, Mestrado em Literatura Comparada, na UFMG. Possui bagagem literária considerável, com livros publicados em Minas, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

MECENAS DE CACHOEIRO

João Bonino Moreira

Modéstia à parte, raramente tenho encontrado pessoas que exercitem tanto o direito de ler como venho eu fazendo.

Li praticamente todos os livros que me caíram às mãos durante estes últimos 50 anos. De dez anos para cá (tenho hoje 67) tornei-me, é claro, mais exigente na escolha das leituras, tendo em vista que, a esta altura, o tempo já trabalha contra mim. Nos últimos dois lustros, então, adotei um processo de seleção para o que vou ler. E vou comprando os livros eleitos, colocando-os rigorosamente em fila e devorando-os pela data de aquisição. Leio principalmente história, política e o que, no meu en-

tendimento, considero boa ficção, nacional ou estrangeira. Não tenho preconceito mas, de poesia - por pura falta de hábito - só leio Manuel Bandeira. Quando a cabeça está cheia, "quando me dá vontade de morrer", o poeta pernambucano ganha o direito de furar a rígida fileira de espera.

Nos últimos 5 anos outro poeta ganhou o direito de subverter a famosa ordem. Sabedor de que não sou muito chegado aos versos, esse excelente bardo vem sistematicamente me presentear com magníficos livros da melhor prosa da atualidade. Ele, com a sua cultura e a sua erudição e, principalmente, com um invejável bom gosto, conseguiu quebrar a militar disciplina coluna de livros que aguardam a sua vez na minha estante. Chego até a perceber que alguns grossos volumes de história e biografias torcem o nariz quando levam "carona" dos livros com que me presenteia o Miguel Depes Tallon. Que me perdoem

os alentados e bem comportados livros. Mas é que o Miguel, de faro agudíssimo e refinado senso crítico, tem a capacidade de pinçar, nas livrarias, o que de melhor vem se produzindo em prosa na literatura francesa e, nomeadamente, na ibero-americana e italiana. Descobriu para mim romancistas excepcionais, que certamente teriam escapado à minha observação.

Mas não é só junto a mim que o Miguel exerce essa difusão cultural: também o Ivan Borgo e o Renato Pacheco São seus "fregueses" nessas gentilezas. Ocorre-me, então, propor aos dois escritores que nos organizemos em confraria para outorgar ao Miguel Depes Tallon a medalha do Presenteador do Ano (ou da década) e a estatueta do Mecenas da Capital Secreta. É claro que aceitaremos a adesão de outros presenteados aqui não mencionados.

A POESIA É NECESSÁRIA

DESCOBRINDO O BRASIL

ÉRICO DE FREITAS MACHADO

São pontos no horizonte,
de Cabral, as caravelas.
Descobrimo a grande fonte,
Brasil, que ao mundo revela.

Barcos dos destemidos,
conduzindo os navegantes,
por mares desconhecidos,
domínio dos horizontes
sempre azuis e infundáveis,
as proas cortando as águas,
passando por seus limites.
Aflitos, em suas coragens,
homens que fizeram história,
colhendo as riquezas novas
para a pátria, lá distante.
Terra à vista!
Bem na frente!
O Brasil nascendo grande,
Cabral, surpreso, valente,
comanda a frota,
que logo regressará,
conduzindo a descoberta
que sua missão gerou.
E agora um mundo novo
o velho mundo ganhou.

PEQUENA ÁRIA DAS PÉTALAS ERISÁLIDAS

JOSÉ AFONSO DE SOUZA

Quando a flor inda botão
Na raiz do dia flor canção
No pasto de asfalto
Semeando o grão,
Feito em campos brancos
Vou colhendo o pão
Usufruto e fruto
Dos calos das mãos
E se à noite a viração
Pétalas de luz joga no chão
Alumiando a solidão
Vamos pela trilha, então,
Na asa da imaginação
Reinventar a ilusão
Té que navegue em pouso o coração
Té que a crisálida escuridão
Se despedace em cores
E o sono em sons
De clara claridade claridão

HAICAI

HERALDO BRASIL

Um vaga-lume acendeu a noite.
A lua, ciumenta,
pintou-a de prata.

RESIGNAÇÃO

JOSÉ HYGINO (TANECO)

Pelo muito que caminhamos,
e temos a caminhar,
que sabe, um dia, teremos
descanso para pensar
nas coisas que a vida nos tirou,
em outras que está pra nos dar?
O resto, a percorrer,
cansados iremos chegar,
com a cabeça erguida,
os passos a tropeçar.
Daremos graças ao Senhor,
quando o tempo para nós findar.
Diante do que fizemos,
nada mais temos a realizar.

Com a cabeça erguida,
os passos a tropeçar,
o resto, a percorrer,
cansados iremos chegar.

EIS PIVETE

TACY CABRAL ZARDINI

Encontrou um lar
Sua cama não é mais
Papelão, agora tens um teto
onde dormir numca cama
Encontrou alguém que o ama
e que lhe dá todo afeto
o sorriso enfeita seu rosto
o futuro lhe sorrir
as suas peralices
tomaram outro rumo
agora você estuda
brinca com outras crianças
e no coração mora a esperança.

MUSICA

HERCULES DUTRA DE CAMPOS FILHO

Uma brisa leve
um beijo tranquilo
a beleza de um vale
a antiguidade do Nilo
Uma estrada aberta
que a alma percorre
uma coisa tão linda
que nunca morre
Uma válvula de escape
alívio da mente
que acalma a fera
que existe na gente
uma nave serena
sobre o campo e a cidade
passando por nuvens
de alegria e saudade

ÉS HOMBRE

SIMONE MARIA DE OLIVEIRA GONÇALVES

Te vi chorar,
Parecias um menino...
Te vi falar,
Parecias um guerreiro...
Te vi pensar,
A perplexidade te alcançou.
Leste Neruda e tudo se acalmou...
Te vi sorrir latino,
Afina! aprendeste com o carteiro,
O que o poeta despertou.

REVOLTA

MESQUITA NETO

Eu, toda vez que vejo ua criatura
Humana a revolver lata de lixo
Ou no monturo, qual faminto bicho
Que um osso ou carne podre ali procura,

Sinto a alma confranger-se de amargura
E lamentar da sorte o vil capricho
Que leva o pobre sem recurso ou nicho
A tal degradação de vida escura

E me pergunto, revoltado e triste:
Por que a miséria neste mundo existe
Em meio a tanto flausto, luxo e brilho?

Ensinam que a um Deus se deve a vida...
E onde é que êle se oculta ou tem guarida,
para deixar nesse abandono o filho?

PREITO

ATHAYR CAGNIN

Mulheres que passais em meu caminho
e que sois dos meus olhos o acalanto,
concedei que eu vos preste, com carinho,
a singela homenagem do meu canto.

Para da vida suportar o espinho
eu preciso sentir o vosso encanto.
Vossa presença amável é o meu vinho
com que afasto o pesar e a dor espanto.

Passai, passai! Sois cor e movimento.
Proporcionais os meus momentos suaves
de puro enlevo e doce encantamento.

Sois graça, suavidade e inspiração.
Passai! Passai em bando como as aves
na doce revoada da ilusão!

DECLARAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e os Institutos Históricos de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe, presentes ao Colóquio dos Institutos Históricos Brasileiros, na cidade do Rio de Janeiro de 28 a 30 de outubro de 1998, considerando:

- a relevância de sua contribuição à vida cultural e intelectual do país, como instituições das mais antigas destinadas ao cultivo dos estudos brasileiros e à memória nacional e regional;
- o papel que exercem na preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, recolhendo e conservando acervos bibliográficos, arquivísticos e museológicos de interesse para a memória nacional e regional;
- o fato de se constituírem em instituições dedicadas à convivência acadêmica, à consagração intelectual e ao fomento e realização de pesquisas;

conclamam os poderes públicos federal, estaduais e municipais a encontrarem meios institucionais e legais de reconhecimento efetivo desta contribuição, assegurando-lhes recursos financeiros, isenções fiscais e outros benefícios que viabilizem sua atividade.

[Handwritten signatures and notes on the left side of the declaration, including names like José Hygino Taneco and others.]

Conclamam, igualmente, que lhes sejam asseguradas, em seus campos de atuação, oportunidades concretas de participação nos órgãos condutores e/ou assessores de políticas culturais e científicas.

E renovam seu compromisso com a valorização dos traços característicos de nossa formação histórico-cultural, certos que estão de ser esta a melhor forma de reafirmar a identidade nacional e a diversidade regional diante dos desafios do processo de globalização.

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1998

[Handwritten signatures and notes on the right side of the declaration, including names like Reato, L. Cavall. (IHGSP), and others.]

DESAPARECEU

José Hygino (Taneco)

ELA APARECEU EM PLENA MOCIDADE
NO CENÁRIO NOTURNO DE VITÓRIA,
COM UM SORRISO DE PÉROLA NOS LÁBIOS
ARRANCANDO DESEJOS E CIÚMES
DOS SEUS ADMIRADORES,

E VILA RUBIM, QUE DORMIA COM O
CANTAR DO GALO,
FICOU ACORDADA A NOITE INTEIRA
OUVINDO A SUA VOZ MACIA,

E A FLOR DA MOCIDADE, EXALANDO
PELOS POROS DA CARNE MOÇA
PERFUMANDO A VIDA!

EM CADA SOL QUE PASSAVA
ELA SONHAVA COM OS BEIJOS DA NOITE,

O TEMPO PASSOU...
PINTANDO OS CABELOS DA GENTE
DE DESENGANOS.

QUANDO A VI PELA ÚLTIMA VEZ
NUMA ESQUINA DE BEBEDOS,
ELA ESTAVA DE MÃO ESTENDIDA
PEDINDO UMA ESMOLA A UM MENDIGO
NO PONTO FINAL DO SEU DRAMA,

A ESCADA DA VIDA É ASSIM MESMO,
NÃO TEM DEGRAUS NA DESCIDA.

QUANDO ELA MORREU, TODO MUNDO
CONFIRMOU:

PÉ-DE-OURO MORREU...
MAS NINGUÉM VIU O SEU ENTERRO PASSAR,
PARECE QUE DESAPARECEU DE NOITE.

ELEIÇÃO À MODA PRÓPRIA

Érico de Freitas Machado

O Coronel dominava, completamente, seu reduto eleitoral. Qualquer candidato apresentado por ele tinha votação maciça.

Uns poucos adversários políticos, cansados dos constantes revezes sofridos, resolveram denunciá-lo às autoridades maiores. O efeito não tardou e veio positivo. Um jovem promotor da Capital chegou para apurar as irregularidades.

Naturalmente havia necessidade de uma visita inicial ao Coronel e este prontificou-se a ajudar o homem da lei em tudo que fosse preciso. Realmente assim aconteceu e no dia da eleição tudo correu na mais perfeita ordem, com os devidos membros da mesa, cabine indevassável, urna própria, enfim, da maneira correta como deve ser procedida uma eleição. Até a urna, após encerramento da eleição, ficou guardada na prefeitura sob as vistas de dois homens armados.

Depois, inteiramente surpreendido com os resultados obtidos, o promotor procurou o Coronel, um tanto constrangido e até para pedir desculpas:

- Coronel, quando vim para aqui trouxe recomendação especial para apurar toda e qualquer irregularidade e imediatamente organizar processo informando sobre abusos, afim de que houvesse base legal para medidas punitivas contra o senhor. Agora vejo que tudo é calúnia e na realidade o senhor colaborou, decididamente, apoiando-me em todos os meus atos. Só tenho a elogiá-lo e assim farei.

- Pois é, veja você como sou caluniado! E agora, como acabou seu trabalho aqui, leve meu abraço para os amigos da Capital.

- Como acabou, Coronel?!
- Acabou, sim, a eleição você fez. Agora, a apuração, quem faz sou eu!



Resenha Bibliográfica



Renato Pacheco

Grafer Bermudes, Aylton Rocha - Nos sulcos do tempo - Vitória - 1998.

Não tivesse eu, com muita honra e satisfação, redigido a orlela do belo livro do Professor Aylton Bermudes, (à qual remeto o leitor benévolo) estaria na obrigação de redigir mais extensa resenha, desta obra de quase memória, que oferece alguns dados muito importantes para (re) conhecimento do Espírito Santo, neste século.

Fico, portanto, apenas no capítulo **Professor do Liceu** p. 161 e seguintes. Nestas páginas tão bem lançadas temos um perfil do Prefeito Honório Abreu (o conhecido político Fernando de Abreu, ao qual tive a honra de suceder na cadeira 33 da Academia Espírito Santense de Letras), autor de **Crepúsculo**, Rio, 1932, um dos mais admiráveis livros da literatura brasileira que se fez no Espírito Santo.

Há referências também à vi-

agem de trem Cachoeiro de Itapemirim-Vitória, trafegando pelas montanhas centrais do Estado passando por Soturno, Vargem Alta, Matilde e Domingos Martins, estrada que Moniz Freire, erradamente, (ou talvez certamente) mandou fazer com um traçado anti-econômico, a pedido dos políticos e dos colonos italo-capixabas.

Lembra o autor uma época (década de 30) em que o Estado do Espírito Santo só mantinha dois colégios oficiais, e assim mesmo em sua Capital: Ginásio do Espírito Santo e Escola Normal "Pedro II". Dai a necessidade de um colégio em Cachoeiro, que veio a ser o Ginásio "Muniz Freire", logo conhecido e aclamado como o **Liceu**.

Outro lado importante que se interfere do capítulo é o processo de nomeação (interina) dos professores. A minguagem de licenciados, de vez que as Faculdades de Filosofia, Ci-

ências e Letras só existiam nos grandes centros, o ex-seminarista, o médico, o bacharel eram recrutados para o árduo e valioso mistério. (Conta-se, mesmo, à guisa de piada que o Interventor Bley, quando da criação do curso pré-jurídico, em 1938, teria nomeada para a cátedra de sociologia o "cronista social" do **Diário da Manhã**...) O prefeito Honório pede pelo jovem Dr. Celso, secundando solicitação do diretor do Liceu, o qual foi merecidamente nomeado, como se comprovou alguns anos mais tardes quando defendeu tese para ocupar, de modo vitalício, a Cátedra, sistema que existia, então.

Quanta coisa a extrair de um simples capítulo de romance. O mesmo, com pouco esforço, seria feito pelo livro todo, leitura que deveria ser feita por todo capixaba que se interessa pelas coisas de nossa terra.

Ramires, Alberto Isaias - "O Solitário do Itapemirim", in Literatura. Revista do Escritor Brasileiro, Junho 1998, p. 25 e seguintes.

O grande trovador Alberto Isaias Ramires, nosso sócio correspondente, que já nos brindara, em 1966, com um ensaio sobre Marciso Araujo, o solitário de Itapemirim, volta ao tema, desta feita em virtude de uma curiosa ocorrência.

Conta o ensaísta que uma vizinha dele, por ter enviuvado, resolveu desfazer-se da seleta biblioteca do falecido, colocando na calçada livros para que o lixeiro os recolhesse (Aliás, dizem os portugueses, que mais que as traças são as viúvas as maiores inimigas das bibliotecas particulares).

Um dia, Isaias se antecipou ao funcionário da limpeza urbana, e recolheu do triste destino o "**Panorama da Poesia Brasileira**, de Péricles Eugênio da Silva Ramos e outros, Civilização Brasileira, 1959. No volume que enfoca o Simbolismo lá está entre os primeiros o nosso Narciso Araujo.

Daí parte nosso condiscípulo do antigo Ginásio do Espírito Santo para uma homenagem ao poeta capixaba, concluindo pela transcrição do soneto Sabor Azul, aquela que

"Tem um sabor azul, essa voz doce que afaga a alma doira, a alma perfuma..."

Há tempos Reinaldo Santos Neves e eu recebemos do Dr. Jairo Barros o espólio literário do ilustre poeta, príncipe dos poetas capixabas, Narciso Araujo, o qual ficou fazendo parte do arquivo do Núcleo de Pesquisa do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Constou-nos, à época, que os inéditos seriam estudados pelo ilustre Professor, e nosso consócio, Dr. Luiz Busatto. Mas Busatto agora, como um Ovídio terrantez, está cuidando de seu sítio em Santa Teresa. E Narciso Araujo, onde fica? Cobramos o ensaio e a edição de seus inéditos.

Mestrado em Letras. DLL/UFES - Cadernos de Pesquisa, Ano I, nº 2, julho de 1998

Já havíamos saudado, com efusão, o aparecimento dos Cadernos de Pesquisa, nº 1, sempre com aquela maldosa impressão (humana ou capixaba) de que não haveria um número 2. Mas eis que, com o apoio do Centro de Estudos Gerais, Pró-Reitoria de Pesquisa e

Pós-Graduação (da UFES e Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo saem os Cadernos, nº 2, com uma vintena de estudos sérios, fruto de pesquisas no campo da literatura e da estética.

Para gáudio nosso, Ester Abreu Vieira de Oliveira e Maria Thereza

Lindenberg Coelho Ceotto estudam Luiz Guilherme Santos Neves, o grande estilista espírito santense e Geraldo Alberto Viana Murta estuda Reinaldo Santos Neves em "A resposta da psicanálise a Sueli".

Aguardamos, ansiosos, o número 3 de **Cadernos de Pesquisa**.

Roberto de Souza Lé - Um contador de "causos".

Recebo de uma vezada só sete livros do professor e odontólogo Roberto de Souza Lé, cidadão ilustre de Vila Velha, meu diretor, em São Mateus, no Colégio Estadual Ceciliano Abel de Almeida.

O Porto, 1992. **Cidade Alta**, 1993. **Mais umas e outra 1995. Requiém para um homem só** (com o pseudônimo de El Otrebor) 1997. **Violência**. 1996. **Plano de dominação** 1997. **Olegário F. M. & Cia.** 1998.

Bagagem literária que poucos escritores consagrados têm, e, com exceção das suas novelas e do pequenino livro de poemas, estamos diante de um contador de "causos" de bom quilate, com um contributo efetivo para o conhecimento sociológico de nossa terra. Os três primeiros livros citados dizem respeito à velha e heróica cidade de São Mateus, ao norte do Estado, e o último conta histórias daqui e dali, mas, principalmente revivem

o estudante Roberto Lé. Vejam a crônica Politeama (p. 21-22) que recorda o velho cinema-barração do Parque Moscoso. Só mesmo Roberto Lé para registrar que a "Polícia especial usava farda de brim cáqui e quepe vermelho".

Esperamos que novos livros saiam da pena do professor Roberto Lé, sugerindo que Vila Velha entre no foco de suas preocupações literárias.

Um sonhador

No ano passado Manoel da Silva Nunes lançou o livro de poemas **Um recanto e seu sonhador**. Gostou da experiência e no corrente ano nos brinda com **Onde encontro meus sonhos**, Vitória, edição do autor, 1998.

Estamos diante de um poeta intimista, em que, a par de, sua janela, ser um expectador privilegiado do mundo, revive em muitos de seus textos a rua Sete da década de 50, em que ele, menino levado, irmão do Joaquim, grande médico, hoje,

no Rio de Janeiro, infernizava a vizinhança, e embranquecia os cabelos de D. Esperança, sua bondosa genitora.

É uma poesia simples, sem poluição de outros veios poéticos, que revela um eterno sonhador.

Os Santos Neves atacam de madrugada

Em artigo para a **Revista da Academia Espírito Santense de Letras**, 70 anos, tive ocasião de reportar-me ao mistério literário que são os Santos Neves da Bahia / São Mateus e Vitória para a literatura brasileira que se faz no Espírito Santo. Tenho em mãos três livros santosnevinos:

CRÔNICAS DA INSÓLITA FORTUNA de Luiz Guilherme Santos Neves.

MUITO SONETO POR NADA de Reinaldo Santos Neves.

VISÃO DE ANCHIETA de Guilherme Santos Neves (obra póstuma).

Sou suspeito para resenhar tais obras, pois há meio século me considero irmão dos filhos de Mes-

tre Guilherme e filho espiritual do grande professor: Hermano Prisco para falar a verdade.

Sinto apenas (e outros que falem das obras) que tais livros se percam na mesmice provinciana, pois são escritos que mereciam divulgação nacional, "internetiana".

Banck, Geert - Dilemas e símbolos. Estudos sobre a cultura política do Espírito Santo - Vitória. IHGES / PMV, 1998

Em sua série de **Cadernos**, que o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo edita em conjunto com a Prefeitura Municipal de Vitória o antropólogo holandês, Geert Banck lança um livro altamente criterioso e esclarecer sobre política e políticos do Espírito Santo, nos últimos cem anos.

Dilemas e símbolos consta de dez capítulos que versam, historicamente, a política na

Província e nos primórdios da República, os dilemas da mudança no Brasil, dois estudos de estratégias de sobrevivência, um sobre movimentos religiosos no Estado (inclusive no que tange aos movimentos de bairros em relação ao catolicismo) e três estudos sobre a região de maior densidade demográfica do Estado, em torno de sua capita.

Geerd Banck (nós chamamo carinhosamente de Geraldo) é um

dos "brasilianistas" mais conhecidos da Europa, e no prefácio explica porque escolheu o pequenino e desconhecido Estado do Espírito Santo como foco de seus estudos científicos.

Muito nos honra ter sido convidado para firmar o prefácio de tão importante obra, que mais que lida, merece ser estudada por professores e alunos de nossos cursos superiores, na área de ciências sociais.

Loucos Mansos

ANTENOR BENEVIDES
Juazeiro do Norte-CE

Para se ter uma vida melhor é indispensável, é de suma importância, educar a razão a não ser dominada pelo instinto.

As pessoas deseducadas nisso sofrem muito podendo esse sofrimento aumentar com o decorrer do tempo.

O instinto age pelo impulso natural motivando atos sem prever as consequências. A razão age pela lógica porque é o entendimento, é o relacionamento das coisas mostrando os fatos.

Quem perde o controle da razão sobre o instinto torna-se pessoa negativa, até antipática, voltada sempre para o fracasso por não manter o necessário auto-domínio, o auto-controle que é primordial, tornando-se pessoa fraca, fácil de ser vencida pelos impulsos.

A perda do auto-controle pode ocasionar complicações psíquicas de consequências lastimáveis, inclusive enfermidades só conhecidas por médicos espiritualistas.

O convívio diário andando pelas ruas das cidades, para quem observa, nota olhares de intranquilidade, sorrisos inexpressivos, andares de cadênc

cia duvidosa, fora de ritmo, descompensados, gesticulação descontrolada, metal de voz que não agrada, tudo isso dizendo do perigo ameaçador no aumento da loucura de dois mansos que vem crescendo assustadoramente, nos ameaçando cada vez mais.

A gente sente esse lamentável estado de coisas.

É só fazer o que disse o grande psicólogo francês Gustav Le Bon: "Mergulhi na massa e tome banho de humanidade".

Quem realiza esse mergulho evolue porque esse é o mergulho dos grandes ensinamentos práticos na vida e, quanto mais profundo for esse mergulho, maiores vão sendo os aproveitamentos, as lições e as experiências adquiridas.

As cidades estão se enchendo de loucos mansos, os que se deixam dominar pelo instinto esquecendo que a razão é a pilha chefe da vida.

É o desprezo pela leitura, pela pintura, pela música erudita, além do abandono dos beneplácitos governa-

mentais, administrativos, pelas justas reivindicações das massas oprimidas e enganadas pelos políticos corruptos e inimigos do povo, o comércio religioso, tudo isso vitimando a cultura e ainda os tabus, os preconceitos, a ganância pelo dinheiro que ocasiona concorrência, o sexo sem o devido uso religioso, científico, desordenado, não usado com Deus determina e, finalmente, criminosos programas de televisão.

Tudo isso e mais alguma coisa vão poluindo o "mergulho" citado por Le Bon.

É muito conhecida a resposta do Padre Cícero Romão Batista a um romeiro alagoano quando o mesmo se queixava ao sacerdote que o seu filho mais novo não queria trabalhar na roça, ser vaqueiro, empregado em comércio, viver sem nada fazer. Respondeu o Padre Cícero: "Meu amiguinho, ponha seu filho para aprender a arte de ferreiro porque vai chegar um tempo de não haver corrente que chegue para amarrar doidos".

Será que esse tempo está chegando ou já chegou?

EDITAL DE ABANDONO DE EMPREGO

Saibam todos quantos este edital virem, que se encontra em abandono de emprego, achando-se em lugar incerto e não sabido, o poeta XERMES GUSMÃO NETO.

Roga-se a quem dele notícias tenha, que as forneça ao Sr. Júlio Biancucci, em seu restaurante Massas do Julinho, sito à Av. Rozendo Serapião Filho, nº 691, no Shopping Mata da Praia, em Vitória.

Fica, destarte, o dito XERXES GUSMÃO NETO notificado para que, querendo, apresente as justificativas do presente abandono no prefalado endereço.

Vitória, 28 de outubro de 1998

JÚLIO BIANCUCCI

Manoel Rosa
Júlio Biancucci
Miguel (Branco)
(Kevan Lacerda)
Miguel
Antônio

QUE COISA É ESSA ?

José Lugon

Que coisa é essa, sublime,
Que nas pessoas imprime
Um sentir anormal,
Um bem estar colossal?

Que coisa é essa, diferente,
Que mexe com o íntimo da gente,
Que faz o homem ajoelhar
Aos pés da amada e a adorar?

Que coisa é essa, formidável,
Quente, linda, porém intocável,
Que alcança todo o universo,
Que faz o homem chorar, fazer verso?

Que coisa é essa, admirável,
Que nos fere fundo mas não é palpável,
Que do fundo do ser aflora
E que faz perguntar: você me adora?

Que coisa é essa, íntima festa,
Que nos faz cantar, fazer seresta,
Que coisa é essa, ninguém adivinha?
Que bem estar é esse que se avizinha?

É o néctar dos Deuses, o amor!
Que faz rir, cantar, sentir calor.
Que faz o homem tornar-se criança,
Que deprime quem não o alcança.

O amor é tudo, maravilha.
Quem não o tem vive isolado, numa ilha.
Quem vive sem amor
Não vive. Morre de solidão e dor.